

19-10-2020

GOIÂNIA: “TODAS AS CIDADES, A CIDADE”

Rodrigo Emídio Silva

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/Goiás.
Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/Goiás]

A garrafinha verde pulou do carro acelerado, saltitou duas vezes e, quando pensei que ela resistiria à queda, estilhaçou-se. Velei, por uns miseráveis instantes, a morte trágica daquele recipiente de alegria engarrafada. O que um dia foi o império da forma - um objeto por totalidade: duro, cristalizado e tridimensional - agora era um universo de cacos. Uns grandes, outros pequenos, alguns mentiam e autodenominavam-se esmeraldas. Mas não passavam de cacos. Por total ausência de objetividade e compromisso com os afazeres, aproximo o olhar e vejo que alguns fragmentos mantinham-se unidos. Todos estavam colados pelo rótulo plástico adesivo. As *long-necks* carregam a marca da cidade. A propaganda une a metrópole fraturada com a cola do desejo. Os adesivos assoviam para seus olhos. Os *outdoors* te chamam de gostosão, para te vender um pênis mais potente apelidado de carro.

Quando fazia minhas primeiras excursões a Goiânia, meu pai conduzia um veloz fusca que ofendia o ritmo da cidade. Até peço desculpas por nossa lentidão. Depois de algumas horas naquela babilônia de artificialidade, a nossa cabeça parecia que iria estourar. Meu preguiçoso cérebro, na cidade, tinha que trabalhar acelerado para captar todos os gemidos e transas dos transeuntes. E quando via que estava perdendo a leitura do painel, o pescoço torcia na busca do que passou. Ingênuo tentativa, já havia ido o direito de ver. Aquele labirinto sem vento havia roubado o meu traquejo de narrar a cena. Uma certa vez, no camelódromo de Campinas, vi uma moça dar uns tabefes em um rapaz.

Essa cena vaga pelas minhas lembranças, ela está presa na indigência da cidade. Benjamim disse que os roceiros e os viajantes/exploradores são narradores por excelência.

A matéria-prima da narração é a memória, a repetição febril e acelerada traz o esquecimento.

Na cidade, repetir é esquecer. É impossível narrar o que não se entende ou o que se perde na próxima esquina.

O meu mundo, na roça, morria nas formas dos morros, havia uma continuidade das formas.

Nunca li com tanta intimidade um livro como *Manuelzão e Miguilin*, de Guimarães Rosa.

A minha cidadezinha tem face; Goiânia, só rachaduras.

As cidades têm as marcas labirínticas de Dédalo.

Esse construtor de labirintos é o arquétipo da vida urbana: Dédalo acabou ficando preso na sua própria invenção.

As cidades são maiores que seus desejadores e, de certa forma, todos nós estamos presos nessa invenção.

Aprisionados pelo desejo de liberdade. Ícaro, filho de Dédalo, carregava a vontade de olhar para baixo, voar é o caminho para vermos nossa invenção ao toque das mãos.

O sonho de Ícaro fez Armstrong pôr o pé na lua e dizer:

“A Terra é azul”. Quando vistas do avião, todas as cidades espraíam-se em silêncio e dormem quietinhas. De cima, São Paulo, Goiânia e Itapuranga têm a mesma velocidade. A primeira vez que viajei de avião, eu olhava para baixo com tesão adolescente; a janelinha foi o óculos que lia a cidade na sua totalidade. Quando estamos no pássaro de Ícaro, o céu estrelado é visto olhando pra baixo. Nas noites, São Paulo tem constelações inteiras no chão e o céu, na mistura de nuvem, poluição e arranha-céus, é um deserto de brilho. Calvino fez Marco Polo levar o imperador Kublai Khan para o território da literatura - uma viagem dada pela palavra. O jovem aventureiro fala das mulheres-cidades, traz a ebulição de elementos imaginativos para o tabuleiro de cristal de Kublai Khan. Quando afirma que já tinha falado de todas as cidades que conhecia, o imperador diz que faltava uma: Veneza. Então, Marco Polo sorriu e disse: - E de que outra cidade imaginava que estava falando?

Uma cidade ajuda a ler a outra, a cidade que não é evocada está em todas as outras. Quando narro de Goiânia, na verdade, falo Itaguaru. Carregamos os cacos das nossas cidades, alguns fincados nos pés e outros no coração.

Às vezes me pergunto: Quantas Goiânias estão mortas para esta estar viva? A vida transita pelos escombros da morte. Os ciscos de um passado onírico assentam em Goiânia.

As lembranças estão nas paredes descascadas; o esquecimento, na demolição e no vidro fumê dos prédios novos. O tempo não encarde os vidros, eles não têm memória. Benjamim anunciou que as cidades modernas são a memória em Proust e o esquecimento em Kafka. Todas as cidades carregam a marca do pecado da Babilônia e o desejo moral de Jerusalém Celestial; o lucro e a miséria; o luxo e o lixo. O cabaré divide muro com a Igreja Universal. O faminto pedinte escora na parede do supermercado para esticar o boné. Todas as cidades estão dentro do útero de Goiânia. Belém está no suor do pedreiro, o suor é a lágrima do trabalho. São Luiz está na mulher que desinfeta os vasos sanitários dos Shoppings. Miami, na bolsa da madame que esbanja consumismo. Nova York e Londres estão no panfleto da companhia de viagem. Paris pode estar assentada nos fantasmas da arte decô ou na vontade de uma lua de mel perfeita. Pequim está na caixinha de som vendida na feirinha de sexta à noite. São Paulo, nos fluxos do dinheiro que ninguém vê e nas ligações de telemarketing.

A agressiva velocidade do lucro é o motoboy que traça os carros parados para entregar um pacote qualquer.

continua

Quando Goiânia é narrada por mim, ela é engolida pela boca de Itaguaru. Talvez, minha cidade de origem seja a *long-neck* antes de queda. Posso dizer que Itaguaru é maior que qualquer outra cidade que conheço.

A minha cidade não está nos mapas de papel, ela habita meus sonhos, inscrita na memória e no desejo da palavra.

Ela está entre outras cidades com nomes semelhantes e, para vê-la, você deverá passar pelo mata-burro do seu Duquinha. Foi nela que nasceu minha vontade de colocar o mundo nas mãos e de mentir.

Minha cidade está dentro de mim e, nesse momento, ela estará dentro de você, leitor.



OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.